

ECOLOGIAS QUEER



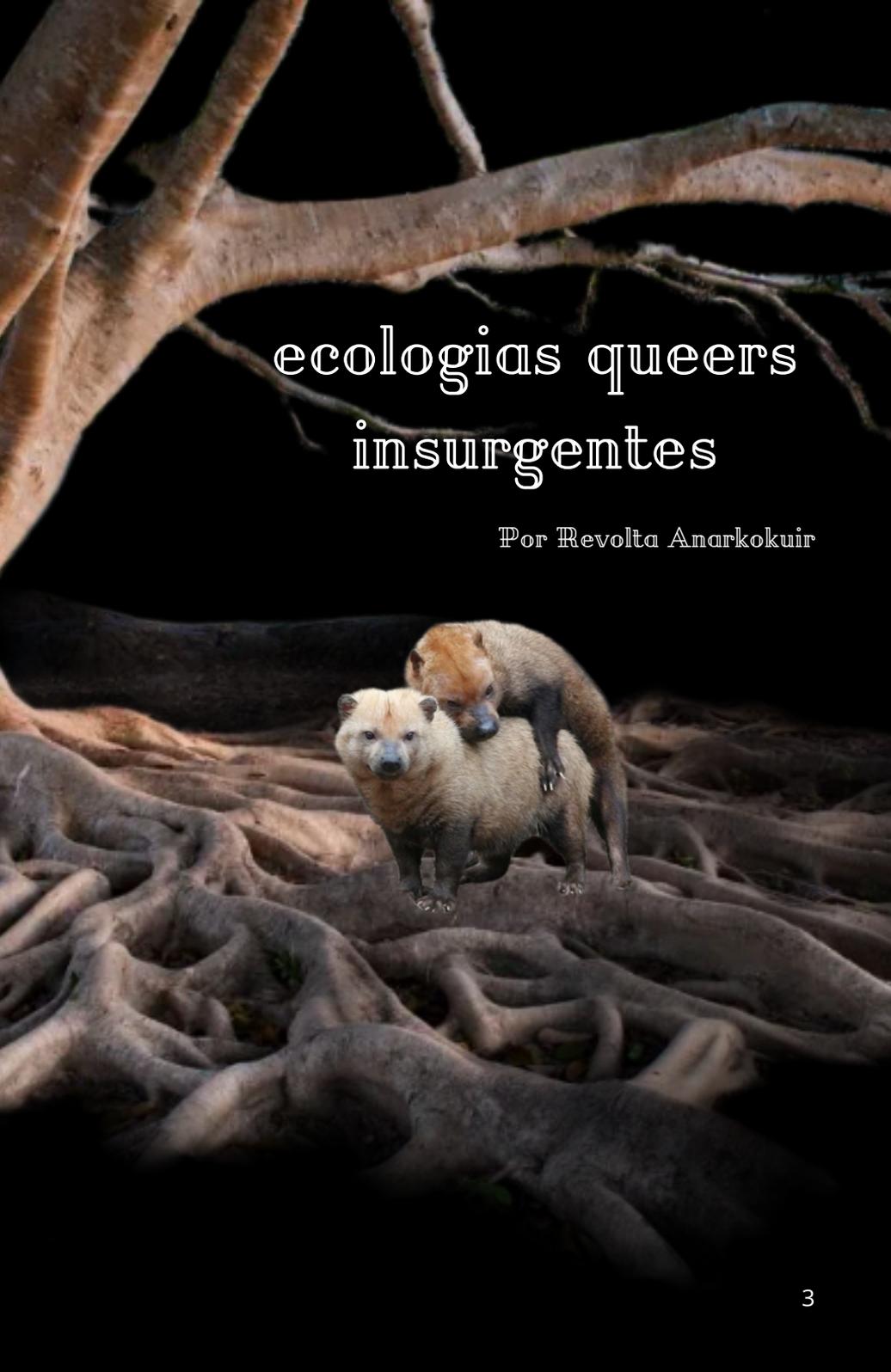
revolta anarkokuir

depois de editarmos a zine “assimilação = morte”, na urgência do enfrentamento à Parada LGBT+ de São Paulo, preparamos este novo número, empolgadxs com uma ecologia queer libertária. apresentamos trabalhos visuais e escritos redigidos por anarcas de diferentes perspectivas, feitos a duas ou mais mãos, por gente associada à revolta anarkokuir ou não, textos anônimos ou autorais. todxs partilhando a perspectiva queer, ácrata e o interesse por uma outra ecologia, e tendo um objeto de lutas comum: o fim deste mundo, a morte desta sociedade.

sem nenhum tipo de direcionamento, apenas o tema ecologia queer como tom e o convite lançado entre anarquistas, o material que compõe esta zine oferece uma conversa surpreendente (ao menos para nós que a editamos). afinada e afiada e, ao mesmo tempo, prazerosamente ruidosa pelas diferenças dissonantes que se somam e se amplificam.

se o conceito de ecologia queer remete a meados dos anos 1990 e ao norte do continente americano, agora, diante das batalhas incontornáveis do presente, desde esse território governado pelo Estado brasileiro, propomos essa ecologia queer que nos anima e empolga a luta diária de nossas existências a fim de expandirmos relações livres entre o diverso de seres e forças vivas que habitam esse planeta. a fim de fazermos brotar outros modos de vida, aqui e agora.



A photograph of two howler monkeys standing on a complex network of tree roots. The monkey in the foreground is light brown and looking towards the camera. The second monkey is darker brown and is perched on the back of the first. The background is dark, making the light-colored roots and monkeys stand out.

ecologias queers
insurgentes

Por Revolta Anarkokuir

Estar viva é estar entrelaçada e atravessada por uma série de relações que nos constituem e nos afetam, mas que também nos permitem afetar aquilo que está a nossa volta. É através de nossas relações e interações que nós nos constituímos individualmente e coletivamente, criando mundos no processo.

Uma floresta é uma rede de relações, assim como uma sociedade, e ambas se reproduzem reproduzindo também as relações que sustentam a sua existência, mudando na medida em que novas relações são estabelecidas ou relações existentes passam por mudanças ou deixam de existir. O capitalismo industrial, por exemplo, se desenvolve estabelecendo relações de dominação que capturam e se apropriam da vida humana não-humana e as canaliza para alimentar e expandir fluxos de capital.

A sua existência e funcionamento dependem da contínua reprodução e expansão dessas relações, que envolvem também a produção de sujeitos dóceis, obedientes, e produtivos, assim como transformação de diversos elementos e seres vivos em "matéria-prima", força de trabalho e mercadorias.

Nesse processo, gestão da vida e dos corpos é mediada por normas (de gênero, raça, classe, etc) que nos enquadram dentro de diversas categorias e identidades e, com base nelas, atribui para nós um lugar na sociedade, definindo também que tipos de existência devem ser incentivadas, promovidas e protegidas e quais devem ser exploradas, excluídas, exterminadas, etc.

Lutar pelo fim dessa sociedade envolve sabotar e interromper a sua reprodução, recusando e desertando dos lugares definidos para nós. A partir dessa recusa, partimos para uma posição de confronto que busca dismantlar os aparatos e instituições que tornam a sua reprodução possível, abindo espaço para que seja possível estabelecer outras relações e formas de vida.

A criação dessas formas de vida não é algo a ser realizado em um futuro distante em um mundo pós-capitalista depois de uma grandiosa revolução, e sim a condição necessária para enfrentarmos a sociedade presente e vivermos vidas mais livres e belas aqui e agora.

Uma das forças engajadas nesse processo é a das lutas queers radicais conduzidas por dissidências que não lutam por reconhecimento e nem por um lugar nessa sociedade maldita, e sim pelo seu fim.

Ao longo dos anos, a teoria produzida a partir dessas lutas (dentro e fora da academia) têm se focado principalmente em criticar as normas dominantes de gênero e sexualidade e analisar como elas se manifestam na operação do Estado e outras instituições e aparatos para nos capturar e criar subjetividades a serviço desta ordem social.

A partir dessa perspectiva, o próprio gênero pode ser entendido como um mecanismo de captura que nos classifica dentro de um binário desde o nascimento e estabelece papéis que tem por objetivo organizar a exploração do trabalho e capacidade reprodutiva das pessoas designadas como meninas. A sexualidade, por sua vez, serve como um princípio

organizador dessas relações de exploração que busca garantir que essas pessoas cresçam e se tornem mulheres submissas e responsáveis por servir aos homens e atender suas necessidades, assim como para gestar e criar crianças dentro dessas mesmas normas para garantir a continuidade desse mundo. Essa produção teórica também tem analisado a relação dessas normas com o colonialismo, o racismo e o capitalismo entre outras formas de opressão.

As lutas queers também têm desenvolvido uma análise e crítica dos mecanismos através dos quais diferentes lutas e mobilizações são cooptadas, absorvidas e neutralizadas, ou seja, assimiladas.

Aprofundar esse último ponto é fundamental se temos como perspectiva romper com essa sociedade ao invés de disputar a sua gestão e pretendemos evitar que a nossas lutas sejam institucionalizadas e cooptadas como tantas outras antes de nós.

As democracias modernas criaram uma série de mecanismos usados para canalizar as forças que se levantam contra as violências que elas produzem e colocá-las ao seu serviço.

Movimentos e pessoas são incentivados a participar da "festa da democracia", dialogar com os poderes constituídos, eleger representantes e disputar a gestão do Estado, formulando reformas que mantêm suas instituições intactas e sua legitimidade inquestionável. Grupos e indivíduos que recusam essas vias são considerados radicais intransigentes e taxados de "vândalos", "baderneiros" e "terroristas" dentre outras coisas, abrindo espaço para que a violência estatal recaia sobre eles.

Na medida em que diferentes forças caem nessa armadilha e aceitam agir pelas vias consideradas legítimas, elas não apenas perdem o seu potencial radical como também ajudam renovam as suas instituições com suas mobilizações e reformas, reforçando a sua legitimidade.

Com a elaboração das lutas queers e os debates e produção teórica das pessoas engajadas nelas, essas análises tomaram vários rumos, estabelecendo diversas conexões e abordagens. Mas ainda me chama a atenção a falta de escritos aprofundando a conexão entre as lutas queers e ecológicas.

Isso tem mudado um pouco com o surgimento da ecologia queer. Entre outras coisas, ela tem criticado a divisão entre humanos e animais e o antropocentrismo, assim como o binário natureza/cultura, analisando também como as normas de gênero e sexualidade entre outras que organizam as relações sociais são também projetadas sobre o que chamamos de "mundo natural", enquadrando outros seres dentro de esquemas pré-estabelecidos e fechando os nossos olhos para toda uma diversidade de formas de vida.

Ainda assim, essas conexões e afinidades precisam ser aprofundadas. Se as lutas queers radicais são em grande parte um combate a todas as normas, relações e aparatos que produzem e reproduzem essa ordem social e o estabelecimento de outras formas de vida, é preciso pensar também em que tipos de relações estabelecemos com o não-humano.

O agravamento das crises ecológicas nos coloca em terreno cada vez mais precário à medida que o capitalismo industrial avança se impõe violentamente sobre as nossas vidas. Enquanto isso, a grande maioria da esquerda permanece apegada a visões desenvolvimentistas e industrialistas onde há pouca consideração pelos outros seres e forças com que compartilhamos esse belo planeta.

Quando abrimos os nossos olhos para esses elementos e como interagimos com eles, nossas possibilidades também se expandem. Se lutamos para criar e fortalecer espaços de liberdade e experimentação onde seja possível vivermos em nossos próprios termos, a dimensão ecológica dessa luta se faz fundamental.

A nossa força como indivíduos e coletividades depende em grande parte do tipo e qualidade das nossas relações. Desenvolver a nossa potência envolve romper nossos laços com aquilo que nos fere e explora e construir e aprofundar novas relações e afinidades para criar formas de cuidar, lutar, ensinar, aprender, habitar, dialogar, proteger, construir e destruir.

Mas se esse processo se limitar a relações humanas, não iremos muito longe. A destruição e degradação de ecossistemas afeta todas as formas de vida e nos adoce, assim como a sua proteção e regeneração são necessários para o nosso bem-estar.

Em meio a uma série de crises socioambientais que anunciam o fim desse mundo, é preciso expandir nossas alianças e elaborar outras formas de vida que nos permitam atravessar as catástrofes que se agravam. Para isso precisamos abrir os nossos olhos para o que está ao nosso redor.

Você sabe quais são as árvores da sua região? Em que época elas florescem, que frutos elas dão e para que fins eles podem ser utilizados? E os pássaros? Quais são seus hábitos de migração, alimentação, e interação? Que tipos de plantas e fungos estão ao seu redor e quais deles são comestíveis ou tem propriedades medicinais? E os insetos? Quais são as relações entre os diferentes seres e forças ao nosso redor e onde nós nos inserimos no meio de tudo isso?

A busca por respostas para essas e outras questões similares nos aproxima desses seres e forças, abrindo caminhos para conhecê-los e, a partir desse contato, estabelecer relações mais profundas de respeito, e reciprocidade e mutualidade. Nesse sentido, é o princípio anarquista de ajuda-mútua pode ir muito além das relações humanas.

Essas questões também podem ser pensadas em sua dimensão territorial a partir de uma compreensão do território não apenas como um espaço físico, e sim como uma série de relações que constroem mundos e comunidades e criam as condições que nos possibilitam viver em conjunto. Ecossistemas saudáveis nos fornecem água, comida, medicina e meios para atender as nossas necessidades, assim como as necessidades de outros seres vivos.

Mas não podemos apenas tomar sem dar nada de volta como faz essa economia extrativista e colonial. É preciso elaborar formas de habitar que façam com que a vida se expanda e prospere na medida em que desenvolvemos nossa potência coletiva e aprofundamos as nossas lutas e relações. Quando cuidamos da Terra, ela também cuida de

nós, e nos fornece os meios necessários para fortalecer a nossa autonomia e capacidade de enfrentar os aparatos de captura e destruição que buscam nos controlar.

Se a sociedade dominante é um Leviatã e devorador de mundos que destrói e incorpora tudo que é externo a ela para alimentar seu crescimento desenfreado, as lutas queers radicais e ecológicas são forças que irrompem de dentro de suas entranhas com o potencial de destruir não apenas as prisões e gaiolas que ela constrói para nos capturar mas também de criar nas frestas espaços e territórios rebeldes para habitar.

A expansão e proliferação dessas frestas cria rachaduras no tecido do Leviatã, freando o seu avanço e decompondo a organização que ele impõe sobre os espaços. Que a nossa deserção dos lugares que querem nos impor e a criação de territórios liberados seja também um chamado para que outras pessoas e coletividades em luta se juntem a nós ou criem rachaduras a partir de onde estão.

Não há sentido algum em tentar salvar ou prolongar esse mundo falido que por todos os cantos dá sinais de ruir. Que a nossa luta abra caminhos através dos quais possamos atravessar e contribuir para o seu fim, criando também uma pluralidade de mundos onde a vida humana e não-humana possa prosperar.



Te

invito

a

vandalizar

las

calles

con

Plantas Nativas



Modal transviade

A bicicleta como ferramenta emancipatória para pessoas queer
POR FÚRIA QUEER

Bicicleta não é esporte! Até pode ser, mas não é só. É o meio de locomoção e lazer de muitas pessoas periferizadas. O ciclismo como esporte é uma pequena parte, ínfima. Bici é autonomia, liberdade, é um pertencer à paisagem, viver o espaço e o tempo de outra forma, mais respeitosa com nosso corpo e mente, principalmente em cidades todas cimentadas e violentas, de diversas formas. É, também, uma afronta às normas, às culturas de morte e ódio. Os veículos motorizados parecem que já vêm de fábrica com o masculinismo, a cis-heteronormatividade e, por consequência, a violência, tudo isso embutido no pacote. E não há cinto de segurança ou airbag que possam te salvar deles. Nesse sentido, a bike pode ser uma alternativa transviada, puta e afrontosa, tunada de liberdade, envenenada com possibilidades.

Possibilidades de agregar pessoas, de chegar em lugares, de ter acesso que outros modais – destruidores, poluentes, entediantes, machos – não permitem, ou permitem parcialmente. Sair de bicicleta é só saber pra onde vai, mas nunca pra onde vai depois de chegar, porque você pode ir pra onde quiser.

Se a gente for pensar em transporte e trabalho, o carro e o transporte coletivo, além de representar custos muito altos, poluir demais, ainda roubam tempo de vida. Uma jornada de oito horas de trabalho pode virar quatorze, somando mais três pra ir e três pra voltar. E pra quem tá no corre, sem nenhuma garantia trabalhista, jogades na informalidade como muitos somos, a coisa só piora. Esses tipos de transportes estão altamente inseridos numa lógica de geração de lucros, petróleo, catracas, tarifas, impostos, alta manutenção de vias e veículos, além de superprotegidos por aparatos policialescos. Quando não estão parados no trânsito, são conduzidos em velocidade que não é condizente com a vida, colocando em risco quem está dentro e fora.

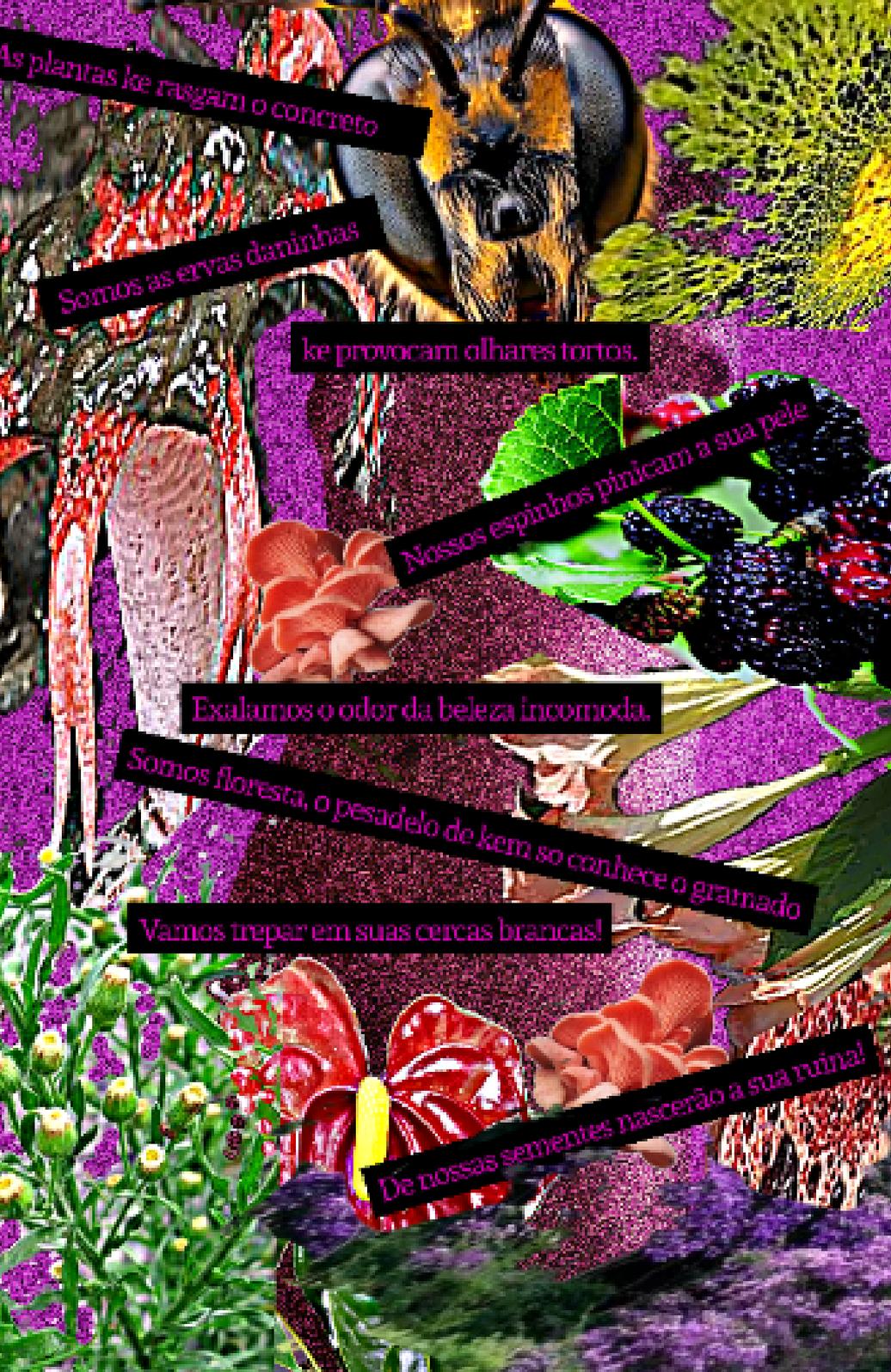


Gasolina? Só pro molotov, bebê! Mete um prato de arroz e feijão pra dentro do buchinho que você pedala pra longe! Isso é válido pra qualquer bike. Deixar uma bicicleta funcional é fácil, aprender a fazer a manutenção dela, também.

Aprender a pedalar é sempre um processo de carinho, de companheirismo, em qualquer idade. São ês amigues te ensinando, uma parente, tudo muito coletivo e afetuoso, ninguém paga uma bicescola. Essa coletividade, autonomia, tudo que foi escrito sobre bicicleta, faz dela uma afronta ao capitalismo, a dissidência no trânsito. Como nós, dissidentes da cis-heteronorma.

A potência que existe em viades pedalando, não dá pra ser ignorada. Pessoas queer exercendo autonomia, enfrentando em outra frente tudo aquilo que não nos quer neste mundo. Aumentando nossas redes, agregando mais bichas, com mais uma coisa em comum. E, agora, cobrindo mais distâncias. Se nos querem escondides, silenciades ou mortes, estaremos sobre nossas bicis, tomando o espaço com nossos corpos. O pesadelo da família tradicional agora pedala até onde quiser.





As plantas ke rasgari o concreto

Somos as ervas daninhas

ke provocam olhares tortos.

Nossos espinhos pinicam a sua pele

Exalamos o odor da beleza incomoda.

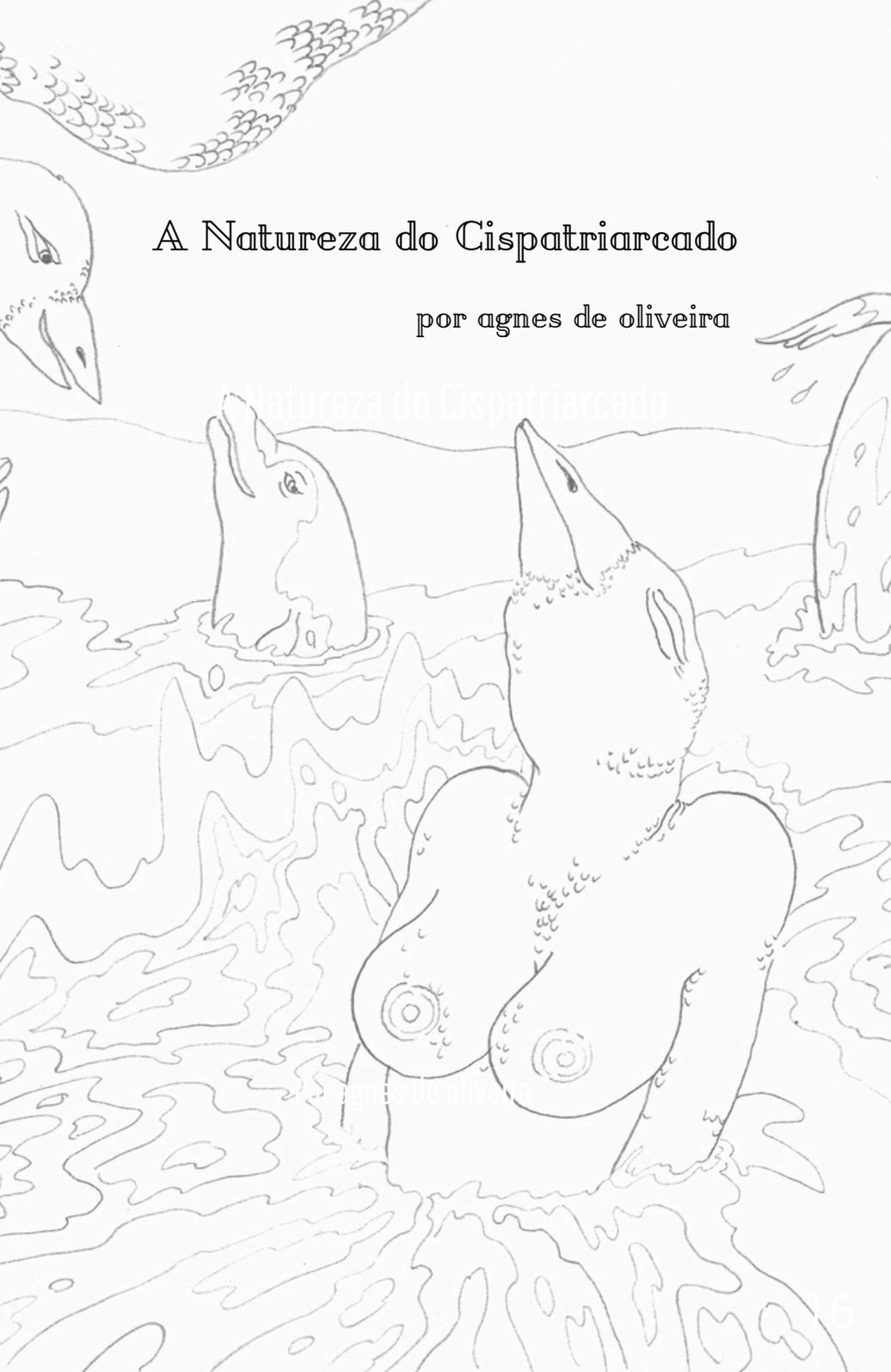
Somos floresta, o pesadelo de quem so conhece o gramado

Vamos trepar em suas cercas brancas!

De nossas sementes nascerão a sua ruína!

A Natureza do Cispatriarcado

por agnes de oliveira



Natureza do Cispatriarcado

agnes de oliveira

Fim/ns de Mundo(s)

Já faz mais de meio século que as destruições e o limite ecológico se tornaram uma questão política permanente. Podemos mapear sua emergência a partir de duas declarações que marcam a segunda metade do século XX: a publicação, em 1972, do relatório do Clube de Roma sobre os “limites do crescimento”, e a formação, nos anos 1990, do consenso científico “a respeito das transformações em curso do regime termodinâmico do planeta” (Danowski; Viveiros de Castro, *Há mundo por vir?*, 2014, p.17). Podemos considerar essas duas declarações como expressões dos modos pelos quais a metafísica ocidental, desde seu interior, passa a formular e experienciar os seus limites absolutos interno - ecológicos, econômicos, políticos, simbólicos, éticos, subjetivos etc. - de seu próprio modo de existência e de habitação da terra, baseado na combustão para a acumulação desmesurada do Capital Global. Desde então, se proliferam versões a respeito do “fim do mundo” (Ibidem).. Trata-se dos limites de um mundo que se constituiu enquanto sistema planetário, pretendendo, por meio da obliteração de outros mundos, confundir-se com a própria Terra e além. Como dirá Castiel Vitorino, em *Ancestralidade Sodomita, Espiritualidade Travesti: “O limite é o Mundo (moderno)”*.

Apesar das declarações e seus alertas, que também passaram a se multiplicar, sobre os limites ecológicos, presenciamos um absoluto fracasso das chamadas políticas ecológicas, que visam salvar o mundo (do capital) em ruínas, apostando em formas de “desenvolvimento sustentável” e de “transições energéticas” imanentes à forma - universal abstrata - de sociabilidade moderna e do habitar colonial da Terra, que desde sua fundação em 1492 tem como fundamento ontológico a violência e vem reproduzindo plantations, dependências geográficas e ontológicas, além de subjugações misóginas e racistas (Ferdinand, *Ecologia Decolonial*).

Esses limites oriundos das políticas ecológicas decorrem do próprio limite da política enquanto um evento do mundo moderno/colonial baseado na acumulação do dinheiro. Robert Kurz observou bem a circularidade viciosa em que a política ecológica entra ao se realizar na forma mercantil:

Pela própria essência, a política só pode resolver problemas funcionais no interior da lógica do dinheiro, mas não problemas causados por essa lógica como tal. Como o Estado tem de financiar todas as suas medidas de regulação, isso vale também, é claro, para as medidas

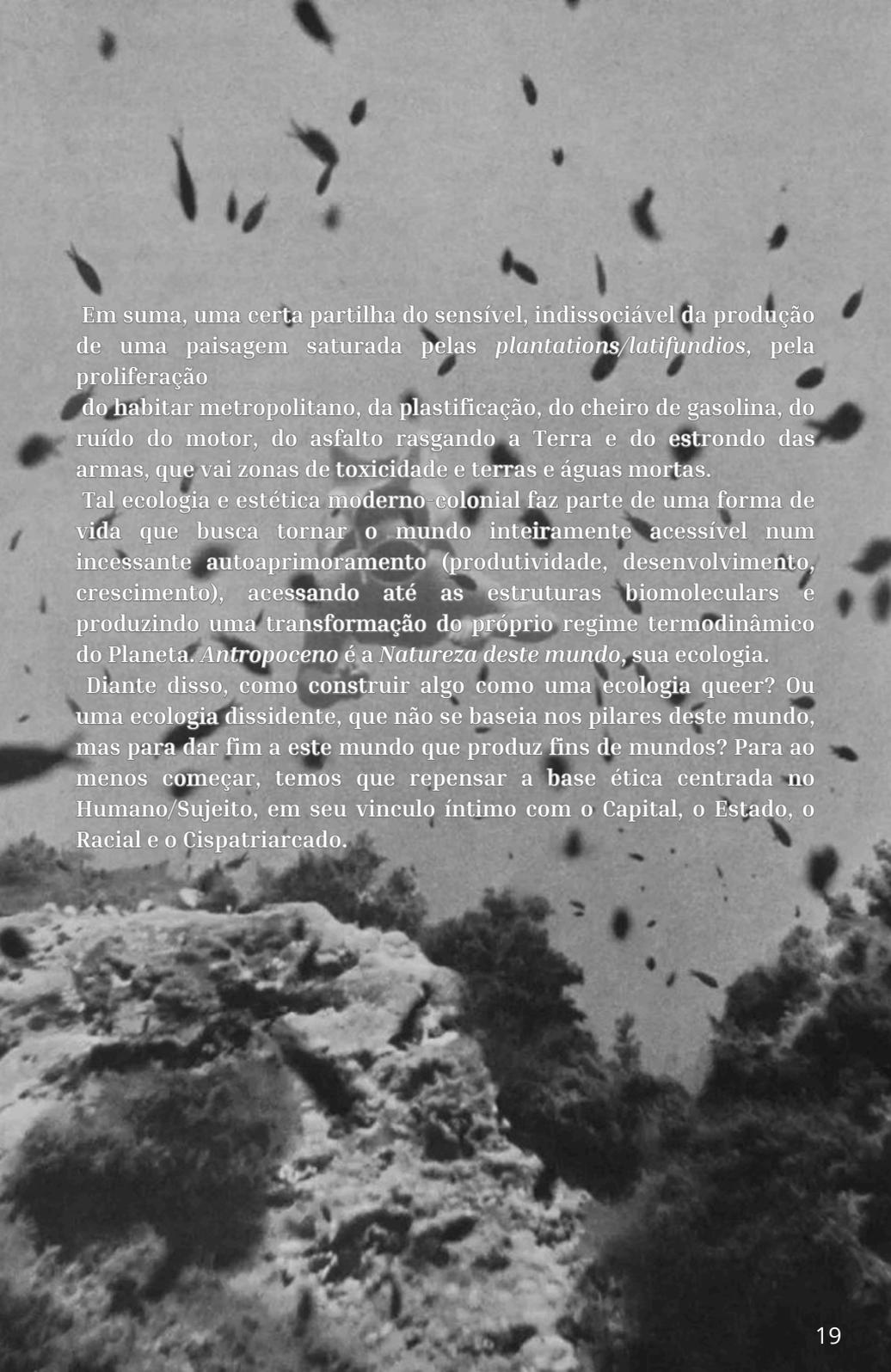
ecológicas. Os fundamentos naturais são destruídos pela lógica abstrata do dinheiro; mas a reparação dos fundamentos naturais, por sua vez, custa dinheiro, que primeiro tem de ser "ganho". Para poder reparar as destruições causadas pelo dinheiro, a sociedade, portanto, tem de "ganhar" mais dinheiro e provocar mais destruições. É fácil calcular que tal círculo se torna cada vez mais vicioso, para prejuízo da natureza e dos fundamentos da vida. (Robert Kurz, O fim da política).

Estamos vendo a impossibilidade da resolução do colapso ecológico pela forma-política moderna ocorrer aqui e agora. Apesar dos alertas das organizações mundiais e da comunidade científica, no Brasil, o atual governo continua investindo em projetos que intensificam as transformações do regime termodinâmico do planeta e aceleram a destruição de territórios como, por exemplo, o PAC III (Programa de Aceleração do Crescimento), que propõe a construção de rodovias, aeroportos, ferrovias, investimento na exploração de petróleo, extração de urânio, usinas nucleares, ao mesmo tempo que se põe a falar em transição energética por meio da construção de parques eólicos, usinas solares e hidrelétricas, que tem produzido efeitos igualmente destrutivos do ponto de vista sócio-ecológico. Quando a "transição energética" depende do crescimento, a política ecológica passa a ser financiada pela própria combustão do mundo. É isso que nos diz a presidente da Petrobrás, Magda Chambríad: *"Não existe transição energética sem falar em quem vai pagar essa conta. E é o petróleo que vai pagar essa conta"*. 1

Nesse sentido, não existe possibilidades de respondermos aos problemas ecológicos sem mudarmos radicalmente a maneira de habitarmos a Terra e, nesse sentido, mudarmos radicalmente o ponto de partida do que se entende por "ecologia" e política ecológica, que pode muito bem coexistir com a dominação capitalista, patriarcal e racial/colonial.

Se a ecologia se tornou um "problema" pra Modernidade, isso se deve ao fato, da modernidade ter transformado "a natureza em um problema", como nos lembra Castiel em *Quando o sol aqui não mais brilhar* (2022, p.65). A Modernidade emerge não só como um sistema econômico e político, mas também como uma ecologia colonial e cispatriarcal. À maneira das "revoluções geológicas", a modernidade produziu uma outra "Natureza" - por intermédio de relações econômicas, jurídicas, simbólicas, éticas, de gênero, raciais etc. - modificando radicalmente as paisagens, as habitabilidades e relacionamentos entre seres humanos e não humanos, vivos e não-vivos. Paul Preciado, em *Dysphoria Mundi* (2024, p.43), observou como essa ecologia do que denominou de capitalismo petro-sexo-racial é indissociável de uma estética, no sentido de uma "articulação entre organização social da vida, a estrutura da percepção e a configuração de uma experiência sensível partilhada".

1 <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/petroleo-vai-pagar-conta-da-transicao-energetica-diz-magda-chambríad/>



Em suma, uma certa partilha do sensível, indissociável da produção de uma paisagem saturada pelas *plantations/latifúndios*, pela proliferação

do habitar metropolitano, da plastificação, do cheiro de gasolina, do ruído do motor, do asfalto rasgando a Terra e do estrondo das armas, que vai zonas de toxicidade e terras e águas mortas.

Tal ecologia e estética moderno-colonial faz parte de uma forma de vida que busca tornar o mundo inteiramente acessível num incessante autoaprimoramento (produtividade, desenvolvimento, crescimento), acessando até as estruturas biomoleculares e produzindo uma transformação do próprio regime termodinâmico do Planeta. *Antropoceno é a Natureza deste mundo*, sua ecologia.

Diante disso, como construir algo como uma ecologia queer? Ou uma ecologia dissidente, que não se baseia nos pilares deste mundo, mas para dar fim a este mundo que produz fins de mundos? Para ao menos começar, temos que repensar a base ética centrada no Humano/Sujeito, em seu vínculo íntimo com o Capital, o Estado, o Racial e o Cispatriarcado.

Limite ético: Humano como reprodução cisheterossexual-racial do mundo

Homo modernus, Homo científicus, Homo científico, Homo racialis, Homo culturalis, Homo sexualis, Homo economicus, Homo politicus, Homo Laborans/Faber.

Como explicar que a emergência do Humano como entidade ética, dotada de dignidade intrínseca e fundamento de configurações políticas econômicas baseadas na universalidade, esteja conduzido a destruição do mundo?

Humano: coisa racional moderna, dotada de mente como atributo que o distingue dos demais animais, dos vegetais e das coisas inanimadas. Brindado, pela razão/lei universal regente do mundo, com a razão e liberdade, o Humano não estaria submetido a afetabilidade decorrente daquilo que ele partilha com as demais coisas: seu corpo. Por isso, o ser Humano seria capaz de dar para si um mundo - o mundo das coisas racionais - segundo a medida da razão universal, justamente porque desfrutaria, por uma intimidade interior, de um acesso a todas as coisas. Como se sabe, às configurações sociais fundadas pelos atributos da liberdade e da universalidade/igualdade é sempre já aquela identificada com a emergência do Capital e do Estado na Europa: a universalidade jurídico-política da Lei e a universalidade econômica do dinheiro e do trabalho.

O Humano, como Sujeito autônomo, é uma entidade ética moderna que, assim como o trabalho, a mercadoria, o dinheiro e o Estado, é *um fim em si*. Enquanto tal, como nos lembra Fred Moten e Stefano Harney, em *Tudo Incompleto*, ele é o usufruto de si mesmo, num constante autoaperfeiçoamento. Contudo, essa especiação pela qual o Humano (*Subjectum*) emerge, em sua excepcionalidade e unidade, como separado da Natureza (*Mundus*) é uma especiação violenta que põe a distinção Humano/Coisa. Nessa especiação, a Terra se torna mero recurso para o Humano como fim em si num infundável autoaperfeiçoamento. Enquanto tal, a autodeterminação do Humano é indissociável do Capital Global e da universalidade jurídico-política do Estado moderno, pressupostos que sustentam e garantem a preservação da, supostamente, ilimitada liberdade/autonomia do Sujeito, que se realiza no mundo como acumulação sempre ampliada do dinheiro como riqueza universal por meio da digestão contínua de tudo que existe, reduzido a mero *in put*. Assim, essa *especiação ou desvinculação* violenta do Humano é fundamental para instaurar o domínio sobre a terra:

A especiação é essa redução geral da terra à produtividade e sua submissão às técnicas de dominação que isolam e reforçam acréscimos particulares e acelerações da produtividade. Nesse sentido, o homem (necessariamente europeu), na e como exceção, impõe a si a especiação, em uma operação na qual extrai e excetua a si mesmo da terra para confirmar seu suposto domínio sobre ela. (Fred Moten, Stephano Harney, Tudo incompleto, p.52).

O Humano, embora seja concebido como autônomo, não pode deixar, contudo, de articular o mundo e o corpo, ao mesmo tempo que o nega. Embora desejasse, enquanto coisa sensível, ele não é capaz de se desfazer de seu corpo e do mundo. O mundo se torna hostil e a ética do Humano, assim, se funda numa profunda indiferença ética em relação as coisas do mundo, que podem, assim, ser aniquiladas.

Além disso, essa excepcionalidade do Humano depende da racialização e da sexualização. Da racialização, pois é por intermédio dela que se produz uma representação da “diferença” ou “diversidade” humana, pela qual os outros humanos podem ser concebidos como coisas/objetos e, portanto, sem capacidade de liberdade, garantindo, assim, a branquidade e suas configurações sociais, econômicas e políticas como lugares da universalidade e liberdade. Da sexualização, pois enquanto coisa sensível, o Humano, sempre-já masculino, precisa garantir sua própria reprodução.

Nesse sentido, a emergência do Humano e sua excepcionalidade é indissociável da cisheterossexualidade, que podemos entender, com Castiel Vitorino, como uma forma de reprodução intraespecífica, que nega, assim, a dependência de sua reprodução com os animais, vegetais, minerais etc. O Humano como entidade ético-política fundante depende, assim, de tipo específica de parentalidade, uma parentalidade *intraespecífica*, cuja *hereditariedade* é produzida pelo racial e pelo sexual.

Toda essa ética fundado no Humano, por fim, produz um tipo de ecologia racial-sexual, um certo modo de relacionamento e de vinculação entre humanos e não-humanos, vivo e não-vivos, que começa nas *Plantations*.² Isso demanda, como base para um ecologia queer/dissidente, pensarmos uma concepção mais alargada do que é a cisheterossexualidade como *regime político*, como nos disse Monique Wittig, ou o que é o patriarcado produtor de mercadorias como define Roswitha Scholz o patriarcado moderno.

² O que justifica o emprego do termo Plantationoceno, ao invés de Antropoceno, por autorias como Donna Haraway, Anna Tsing e Malcom Ferdinand para nomear “a transformação devastadora de diversos tipos de florestas, campos e lugares cultivados por humanos em plantations extrativas e cercadas, dependentes do trabalho escravo e de outras formas de trabalho alienado, explorado e geralmente deslocado” (Donna Haraway, Ficar com o problema, 2023, p.181). O termo também objetiva mostrar que tal transformação ecológica foi não só modelo e o motor para a revolução industrial, mas que permanece com ferocidade cada vez maior.

A Cisheterossexualidade: um modo de habitar a Terra

Antônio Bispo dos Santos, em *a terra dar, a terra quer* (2023, p.82), observou que “o racismo acontece contra todas as vidas. Contra as raças de fruta, de peixes e também contra os animais silvestres, que foram diminuindo”. Penso este enunciado como a explicitação de como a racialização afeta outras existências que as humanas. A associação não é arbitrária. A *ciência da vida* (século XIX), que irá pela primeira vez transformar o humano e sua mente em um objeto científico e classificá-lo segundo tipos raciais para explicar sua diferença e conhecer sua *verdade*, emerge utilizando os métodos de classificação da *História Natural*, que já no período colonial produziu um mapeamento e classificação de animais, vegetais e humanos, embora não ainda segundo as ferramentas científicas da ciência da vida, tão como seriam forjadas por Georges Cuvier e Charles Darwin.³ Assim, humanos e outros seres vivos serão posicionados, no interior de uma tabela, segundo sua “classe”, “ordem”, “família”, “gênero”, “espécie”, além de “variedade e raça” a qual pertencem.

Textos como *Viagem ao norte do Brasil feita nos annos de 1613 a 1614*, do padre e entomólogo francês *Ives D'Evreux*, e *Tratado Descritivo do Brasil* (1587), do colono português Gabriel Soares de Sousa, são exemplos de como a colonização implicou, desde o início o que Denise Ferreira da Silva chamou de *estratégia de engolfamento*: juntamente com os processos econômicos e jurídicos de expropriação de terras, corpos e “recursos”, houve um *engolfamento simbólico* pelo qual a modernidade produziu uma “reorganização” da sua gramática.⁴ Assim, os costumes dos “nativos” eram descritos e classificados juntamente com as plantas, os animais, os minerais, os rios etc. A colônia, assim, foi um grande laboratório de fabulação ecológica indissociável da violência total do Capital e do Estado moderno emergente. Como parte dessa fabulação está a produção (violenta) de uma imagem, cispatriarcal, da Natureza como um Mundo Ordenado (Denise Ferreira da Silva) pela razão/lei universal, ainda que inicialmente concebida em termos divinos, isto é, como lei/razão de Deus. Essa (a razão) opera como reguladora e produtora universal de seres formalmente distintos, em relação a qual o Humano – sempre-já masculino e branco, ocupa a posição privilegiado de conhecê-la e controlá-la por meio de sua mente/razão interior.

³ Sobre isso, ver a análise de Denise Ferreira da Silva sobre a emergência da ciência da vida, no capítulo *Nomos Produtivo de Homo Modernus*.

⁴ “Por essa razão, porque a apropriação jurídica e econômica de outras terras e recursos naturais conduzida pela Europa necessitou desde o começo da apropriação simbólica dos nativos (os povos indígenas), não se pode ignorar que o início da colonização sempre-já foi mediado por uma reorganização da gramática moderna e plea implantação dos projetos de conhecimento que estudam o homem como objeto, algo que transcorreu durante os primeiros trezentos anos após o “primeiro encontro”. (Denise Ferreira da Silva, *Homo Modernus*, 2022, p.68).

Uma análise nesse sentido, portanto, deveria também ser feita em relação ao sexo. Ou seja, é necessário analisarmos em que sentido a sexualização não atinge só seres humanos, mas também não-humanos, produzindo violentamente uma imagem ordenada da Natureza – sempre-já feminilizada – se reproduzindo de maneira heterossexual.⁵

A partir disso, é possível apreendermos como a diferença sexual opera como um princípio organizador de um modo específico de habitar a Terra centrado no Humano/Sujeito patriarcal, como argumentamos. Proponho aqui analisar sexualização como uma estratégia de engolfamento das existências, pela qual as existências são particularizadas, determinadas e aniquiladas a partir da diferenciação sexual, abarcando tanto humanos quanto não-humanos.

Nesse sentido, no contexto colonial, sodomita, pederastias, hermafroditismo, poligamia, incesto, bestialidade, inversão serão as ferramentas simbólicas – os crimes contra-natureza – da violência produtiva da ecologia cisheterossexual. É por tais ferramentas que a expropriação jurídico-econômica de terras indígenas, a implantação das plantations, a transformação brutal da paisagem, e a imposição reprodução/parentalidade cis-heterossexual do Humano como ser separado da reprodução das demais existências, serão justificadas como execução da razão universal divina ordenadora da Natureza.⁶

Assim, nos tratados descritivos coloniais, missionários e outros atores coloniais irão descrever indígenas que “seguem ofício de homem como se não fossem fêmeas” ou “hermaphordita, no exterior mais homem do que mulher”, que iam à guerra e à caça; também falarão de “uma classe de homens que imitavam mulheres, não só vestindo à sua maneira, mas se dedicando às ocupações reservadas às mesmas, isto é, fiar, tecer, fazer louças, etc”.

⁵ Para uma análise de como a emergência da modernidade e do evento colonial produziu uma outra imagem do mundo/natureza, levado à cabo tanto pela cabeça às bruxas quanto pelo projeto científico de controle da natureza, ver Calibã e a Bruxa de Silvia Federici e O valor é o Homem de Roswitha Scholz: “A virulenta campanha contra o “feminino” manifestou-se (em complemento ao projeto científico de “controle da natureza”) como tendência a domesticar a mulher como “ente natural”, isto é, fazer com que a mulher, como representante da natureza (e a natureza como local de destino do mundo feminino) levasse uma vida serena, doméstica e controlada pelo patriarcado” (Scholz, O valor é o Homem).

⁶ Sobre o código penal imperial-colonial e os “crimes e interditos contra a sexualidade, a família, o parentesco e a identidade”, nos quais figuravam a sodomia e “homem que veste traje de mulher” e “mulher que veste traje de homem”, ver Manoel Barros da Motta, Crítica da razão punitiva: nascimento da prisão no Brasil, 2011.

Tornar-se homem ou mulher, tornar-se sodomita ou berdache foi, assim, desde um início, uma imposição “civilizatória” e catequizadora, indissociável de uma ecologia colonial produzida por estratégias de engolfamento atuantes nas inquisições e caça às bruxas. O que não se deu sem uma contínua recusa. Numa carta de 1551, Pero Correia nos fala de indígenas para quem “a maior injúria” era “chamá-las mulheres”, implicando o risco “de lhe tirarem as frechadas”⁷. Assim, como ocorreu com a raça, que no século XIX se transforma numa *scientia racialis*, habitando o mundo com o *homo racialis* e, posteriormente, com o *homo culturalis* – a base do que viria ser o multiculturalismo – em especial com a sociologia e da antropologia, também o sexo vai ser transformado numa *scientia sexualis*. Não mais no domínio da religião e da catequese, a *scientia sexualis* produzirá a sexualidade como identidade determinante da diferença humana, das suas formas de pensar e agir. Posteriormente, será também inventado o termo gênero – outra ferramenta a analítica da sexualidade, que também atua juntamente com a racialidade – como categoria científica sobre o Humano, sendo uma ferramenta determinativa hoje amplamente mobilizada nas mais diversas áreas da ciências humanas, desde a psiquiatria até à sociologia e antropologia culturalista.

Retornar ao corpo ferido de Tibira se torna, aqui, um antídoto contra a naturalização da ecologia cisheterossexual: seu corpo tornado sodomita e rasgado na boca de um canhão, entre 1613 e 1614, é testemunha, até hoje, tanto de uma impossibilidade de tradução, como da imposição da cisheterossexualidade como forma de habitar e ordenar a terra. Sua condeção como sodomita não visava meramente uma “sexualidade” diferentes preexistente (um termo que nem mesmo existia) ou uma prática desviante que correspondia àquilo que, antecipadamente, a representação moderna significou como “sodomia”, mas realizar a expropriação de terras indígenas e a produção de um habitar cis-heterossexual. Assim, tais ferramentas simbólico-políticas operavam para autorizar a violência colonial jurídico-econômica, sua economia de guerra baseada na combustão das armas de fogo e seus sistema de parentalidade centrada no Humano/Sujeito patriarcal.

⁷ Sobre tais relatos coloniais, estou me baseado no livro de Estevão Fernandes, *Existe Índio Gay? A colonização das sexualidades indígenas no Brasil*.

Ecologia queer/dissidente:
aprender com os animais a abandonar
a ontologia do gênero

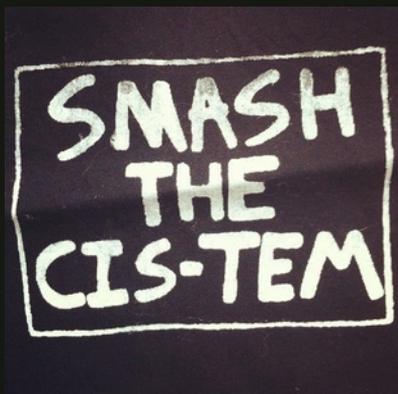
Castiel Vitorino nos convoca a abandonar uma ancestralidade intrapesecífica, centrada no humano, para produzirmos uma parentalidade/intimidade intraespecífica. Além disso, nos chama a atenção como existências não-humanas, como insetos, animais marinhos e terrestres nos ensinam a experienciar as metamorfoses e a efemeridade das formas para além da linearidade imposta pela ontologia de gênero, como as lagartas, as borboletas, as enguias, rãs, peixes etc. Muitas dessas existências nos ensinam possibilidades tanto de metamorfosear, de abandonar as formas, como de reprodução da vida para além da cisheterossexualidade e da hereditariedade intraespecífica: como os peixes-palhaços, que são capazes de mudar de sexo; ou o agenciamento entre a vespa e a orquídea, uma relação de reprodução entre-reinos, que se tornou o exemplo predileto de Deleuze e Guattari para a formulação do conceito de n-sexos não humanos, ou seja, a concepção segundo a qual teríamos tantos sexos quanto são os agenciamentos ou relações simbiótica na qual estamos implicados e coproduzimos:8

Para nós, ao contrário, há tantos sexos quanto termos em simbiose, tantas diferenças quanto elementos intervindo num processo de contágio. Sabemos que entre um homem e uma mulher passam muitos seres, que vêm de outros mundos, trazidos pelo vento, que fazem rizoma em torno das raízes, e não se deixam compreender em termos de produção, mas apenas de devir. O Universo não funciona por filiação. Nós dizemos, portanto, que os animais são matilhas e que as matilhas se fomentam, se desenvolvem e se transformam por contágio (Deleuze; Guattari, *Mil Platôs* v.4).

Assim, não há nada mais dissidente ou queer do que a natureza, que está sempre se diferenciando em si mesma, agindo contra-sim mesma. Se se quiser, não há nada mais contra-natureza do que a própria natureza, que procede a partir de simbiogêneses, implicabilidades entre existentes que, a partir disso, experienciam capacidades de transmutação.

Com efeito, e para concluir retomando nosso ponto de partida, pensar uma destituição da ecologia imposta pelo cispatriarcado moderno, implica entendermos a relação íntima entre dominação cispatriarcal e habitação da terra a partir da sexualização e racialização das existências. Como busquei mostrar com o caso de Tibira, a imposição da heterossexualidade, a transformação de corpos que aqui habitavam em Nativo e Sodomita é indissociável de formas de relacionamento jurídico-políticas e econômicas, ligadas à imposição do trabalho e da produção mercantil nas Plantations, que pressupõem a expropriação de terras e “engolfamentos” simbólicos pelos quais às assimetrias de gênero e uma certo sistema de parentalidade intraespecífica, centrado no Humano, é imposto.

Nesse sentido, uma ecologia queer/dissidente tem como tarefa, antes de tudo, uma descolonização da natureza/matéria, que passa pela destituição ética do Humano, dos mecanismos jurídico-políticos (Estado), da forma-mercadoria, do seu sistema de parentalidade e das ferramentas simbólico-políticas que operam para autorizar a violência contra existências humanas e não humanas, vivas e não-vivas.

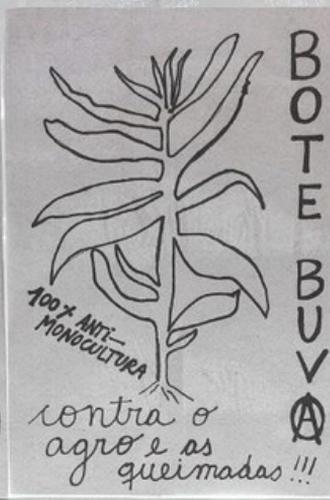


8 Aliás, que o que chamamos “sexo” é na verdade um produto de agenciamentos singulares e, portanto, algo extremamente mutável e que está além do genital, é explicitado pelo fenômeno recente de mudança de “sexo” dos animais produzida pelas transformações ecológicas. Ver por exemplo *When fish and frogs change gender*: <https://indyweek.com/news/fish-frogs-change-gender/>



CONTRA O
AGRO E
AS QUEIMADAS
; BOTE
BUVA!

100% ANTI-MONOCULTURA



100% ANTI-MONOCULTURA

contra o
agro e as
queimadas !!!

BOTE
B
U
V
A

CONTRA O
AGRO E
AS QUEIMADAS
; BOTE
BUVA!

100% ANTI-MONOCULTURA



100% ANTI-MONOCULTURA

contra o
agro e as
queimadas !!!

BOTE
B
U
V
A

CONTRA O
AGRO E
AS QUEIMADAS
; BOTE
BUVA!

100% ANTI-MONOCULTURA



100% ANTI-MONOCULTURA

contra o
agro e as
queimadas !!!

BOTE
B
U
V
A



CONTRA O RACISMO
E TODA A DISCRIMINAÇÃO
LIBERTADE
YAPORU

ASSIMILAÇÃO
MORTE









ECOLOGIAS QUEER,
AQUI E AGORA

POR MONSTERA DELICIOSA

do canto esquerdo da casa, via-se uma figueira. o topo da copa frondosa de uma figueira benjamim (ou benjamina?). costumávamos observá-la. nós e as gatas. íamos conhecendo os movimentos dos pássaros, seus poleiros e momentos do dia favoritos. bem-te-vis, sabiás, beija-flores, sanhaços azulinhos, rolinhas, periquitos, almas-de-gato, borboletas de várias cores e outros seres voadores. viajávamos imitando seus cantos e as gatas, fazendo barulhos esquisitos ki ki-ki-ki. víamos todos esses seres e a própria árvore também, como muitos seres, em mutações. Árvore vibrante quando chovia, na luta durante as secas poluídas, quando fazia sol e refletia em cada uma das suas folhas, à noite com a luz da lua ofuscando as luzes artificiais, nas danças com o vento e as brincadeiras dos pássaros. Enfim, a qualquer momento do dia, criava-se um espaçamento em que se podia habitar. e o que também se habitava era a possibilidade do silêncio. de se perder na folhagem se mexendo vagarosamente. abrindo outras temporalidades. em plena avenida são joão, no centro da cidade de são paulo.

uma provável presença centenária, que cresceu lenta e silenciosamente até a altura do quinto andar de um prédio. contrária aos arranha-céus que são erguidos aos montes, rapidamente, sobre concreto, cimento e montes de dinheiro. moradias minúsculas que praticamente só abrigam vida humana. construídos a mando de proprietários que, frente à abundância da vida que brota da terra, desejam aumentar e acumular suas posses. investem numa arquitetura que cabe a este modo de vida: 17m², produtiva, veloz, consumível, individual. os donos do mercado, do legal agronegócio ao ilegal tráfico - inseparáveis e indistinguíveis - que investem e lavam seu dinheiro subindo prédios que ficarão vazios. enquanto um número cada vez maior de gente vive nas calçadas, sob os viadutos, em barracas de camping fodidas, no meio de merda e toneladas de lixo produzidas e descartadas pelos milhões de pessoas que moram nessa cidade. edifícios construídos, mas não para serem habitados.

qualquer árvore no terreno, considerada um problema, assim como nas calçadas e demais vias, é decepada e aniquilada. é factível disso acontecer sob a omissão das pessoas e a autorização terceirizada da prefeitura, que permite essa prática à iniciativa privada, agora também responsável por vender laudos, facilitados sob a justificativa de que em determinadas situações há risco à vida humana e à propriedade. risco de uma árvore desabar, durante tempestades e ventanias, afinal suas raízes são soterradas pelo asfalto, têm seu crescimento debilitado, ou são mutiladas para caberem no lugar que os humanos lhes destinam, sempre em detrimento das construções e criações do homem civilizado(r).

aqui, o tempo todo, nos lembram: a cidade é para os humanos, o mundo é dos humanos. o que seria quase a mesma coisa que dizer: a cidade é para os homens, o mundo é dos homens. como nos alerta a palavra antropocentrismo, cuja etimologia remete à grega *ánthropos*: homem. se pensarmos na Grécia Antiga, este homem é o biohomem, pertencente à sociedade aristocrata. aquele que jamais imaginou que, séculos depois, frente ao imperativo da democracia neoliberal, *antropos* seria ampliado para a categoria humano.

se naquela época estavam definitivamente fora da categoria homem as mulheres e os escravizados, agora, quem está fora do Homem/humano? pergunta importante! afinal, quantas identidades minoritárias não reproduzem o homem e o humano?

hoje, cabe ao humano humanizado repetir o discurso sustentável, acreditar no capitalismo verde e no Estado que “protege”. cabe a alguns humanos humanizados tratar os outros bichos como não-humanos com direitos, denunciar crimes ambientais, consumir produtos do mercado verde alternativo, fazer ecoturismo, etc.. o humano humanizado continua sendo aquele que se crê o superior, o mais importante, o centro. aquele que conduz, decide, governa.

como deixar de ser humano? é uma questão que ressoa. quando não se acomoda em retóricas e identitarismos, fica ainda mais perturbadora em meio à uma cidade como são paulo. o que aqui escapa do concreto, do capital, do mundo dos homens, seu governo e monopólio da violência? certamente, não são as árvores, as matas e os rios. (lembra que sp é uma localidade repleta de rios? onde estão? que saúde têm hoje?)

aquela figueira que nos avizinhava e nos brindava com sua beleza enorme e cheia de detalhes exuberantes não escapou à racionalidade que define o que pode ter direito de viver segundo os critérios de utilidade da vida, ou melhor, do que serve à vida humana e à propriedade.

naquele dia, em meio ao barulho da cidade, as motosserras começaram a se destacar. o que parecia improvável de acontecer estava avançando aceleradamente no fluxo do capital: cortar, esmagar, controlar, submeter. o que isso tem a ver com uma árvore? que é chamada de “urbana”, em termos técnicos pela prefeitura e as instituições que decidem, planejam e manejam a disposição da vegetação na cidade. para eles, aquela árvore que estiver incomodando, num sentido humanamente amplo, precisa ser cortada. na lógica empresarial, a gestão, quando muito, exige ou voluntariamente efetua a “reposição”. como se uma árvore fosse igual a outra. como se não fossem, cada uma, única. assim como cada ser e força vivos. para eles, nada importa sobre a vida da árvore, que ela possa relacionar-se como criadora de vida e de liberdade. e não estamos falando de “pulmões verdes” -expressão completamente antropomorfa- ou de “produção de ar puro” -que está sempre calculando e pensando na melhora da “qualidade de vida humana”-, e sim das sensações de solidão e silêncio; de uma existência livre em relação com outras, igualmente livres; das sensações de distância e impermanência que esse ser condensava, de como toda sua magnitude e quietude podiam invocar esse espaço de liberdade sem alarde nenhum. promover a amizade e camaradagem com gestos para além do humano, entre seres aquém do humano.

para eles e para a maioria, isso não importa e não importou naqueles dias em que as árvores foram mutiladas e machucadas até se tornarem troncos, raízes mortas e folhas secando no cimento, como todo lixo em são paulo. seus restos passaram dias a fio, exibidos na calçada, como meros restos dos consumos do homem. enquanto alguns pássaros voavam perto com o olhar que parecia buscar algo.



ASSASSINOS

pássaros voavam perto com o olhar que parecia buscar algo. nesse dia, antes de que terminassem de matar as duas árvores, tivemos a vontade de parar isso. ninguém ao redor parou para reparar no que estava acontecendo, a não ser quando berramos para não cortarem mais a árvore. pararam para olhar e julgar uma atitude que consideram inadequada, incomum, histérica ou anormal. afinal, matar árvores é normal e comum para a maioria dos humanos, uma coisa qualquer, um simples corte. como tudo aconteceu num estacionamento, havia alguns carros estacionados. em um momento pensamos: e se os carros pegassem fogo, o que aconteceria? talvez esse fosse o único ato capaz de impedir que esses homens continuassem derrubando as árvores. o que interrompe a vontade de autoridade e de sujeição à ordem? o que intercepta o dever cidadão de manter, conservar e assegurar a propriedade? o que estanca a obediência? em plena luz do dia, com os homens trabalhadores em seus serviços -um na portaria do estabelecimento, os outros matando a árvore e as demais vidas que a acompanhavam- e alguns transeuntes olhando à cena como quem olha suas estúpidas telas eletrônicas, a ação direta possível foi outra. com um aerossol grafitamos na parede: ASSASSINOS.

depois do serviço dos machos de motosserras, descobrimos que a árvore não estava na rua, mas dentro da propriedade privada do estacionamento (scalapark, av. são joão, 1567). e que ela vivia em comunidade com outras três figueiras, menores e mais jovens. uma delas, também cercada pelos muros da propriedade, teve o mesmo fim. das duas que escaparam, uma ficou toda ferida, atingida pela poda esdrúxula feita pela empresa de jardinagem Flora Verde (floraverde.com.br), que aprecia muito - muito! - mais o verde da grana do que o verde das plantas.

“humanos que dependem e defendem a sustentabilidade”, disse o dono da Flora Verde. claro, eles e os ativistas que tanto se manifestam dentro de um campo da institucionalidade e da legalidade. tudo, no fim, pensado e funcionando para manter a grande família humana em paz em seu mundo (este mesmo que todos, a todo momento, anunciam estar acabando? não é muito antropocentrismo achar que o planeta Terra, que segundo cientistas tem mais de 4,5 bilhões de anos, vai acabar pelo modo de vida estúpido e violento da humanidade? não é mais provável e interessante acabar com esse mundo?).

nós não somos ativistas. o que desejamos não se parece com o capitalismo verde de consumo consciente, de desmatamento consciente, de plantio consciente, de vida sustentável, de compostagem para a consciência ficar em paz de que, pelo menos, algo eu faço em favor do mundo, eu cuido do meu lixo. esse mundo sustentável nos culpabiliza enquanto 10 bilionários não param de ultra faturar, enquanto o Estado se dirime entre desmatar a amazônia ou o cerrado, enquanto os povos indígenas continuam sendo perseguidos e assassinados num genocídio e num etnocídio sem fim. o ativismo parece reproduzir a lógica do tédio do mundo, aguardando para ver qual é o melhor diagnóstico e a melhor solução para essa merda que a gente vive. uma conduta esperada e apaziguada, muito bem ajustada à racionalidade neoliberal e à democracia, perante as lutas que não começaram ontem, as lutas que não são só para respirarmos melhor ou vivermos mais anos e mais gerações. não à toa, o dono da empresa de paisagismo e matança de árvores nos disse apreciar o ativismo: “que deus te abençoe, ativista”.

nossa luta é para acabar com o terror do Estado e a hegemonia do capital e todas suas formas de morte- como o trabalho, a democracia, o patriarcado, o especismo...

se as motosserras cortassem carros, partissem vidraças de propriedades, notas de dinheiro, a maioria assistiria passivona?

essas questões cabem a gente, ao bicho gente que luta contra si mesmxx para deixar de ser humano. os outros bichos e seres seguem na batalha diária da existência. as duas árvores que escaparam, continuam de pé. os seres alados que as visitam e as habitam, continuam em seus voos, brincadeiras e danças descansos nos galhos. as gatas continuam observando da janela, em relação com o todo. a nós cabem as questões que acompanham as lutas, essa viagem que é a existência.

como deixar de ser humanos em uma cidade imensa e tão humanizada e civilizada como são paulo?

como pensar e dar formas às práticas das ecologias queer aqui e agora?





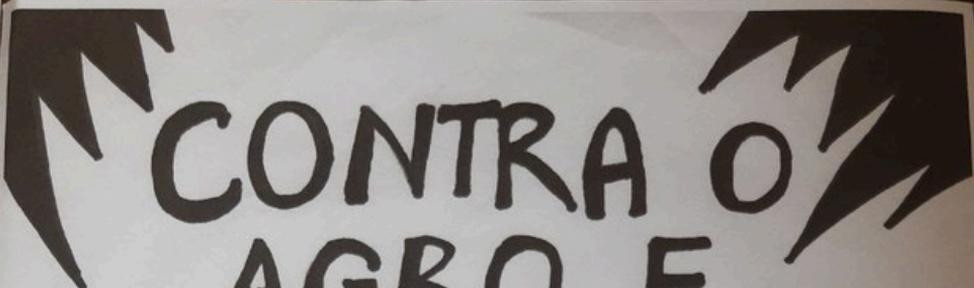
100% ANTI-
MONOCULTURA

contra o
agro e as
queimadas !!!

B
O
T
T
E

B
U
V
V

A



CONTRA O
AGRO E
AS QUEIMADAS

! BOTE
BUVA!

100% ANTI-MONOCULTURA



REVOLTA ANARKOKUIR

NENHUM DIREITO RESERVADO

EXPROPIE SEM CULPA

ABAJO EL TRABAJO

VIVA A AÇÃO DIRETA

VIVA A ANARKIA